

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME XXX*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1991

† CAETANO DE MELLO BEIRÃO

VIRGÍLIO HIPÓLITO CORREIA

Técnico-superior do Museu Monográfico de Conimbriga

A CRONOLOGIA DO POVOADO DE FERNÃO VAZ (OURIQUE, BEJA).  
«Conimbriga», XXX (1991), p. 5-11

RESUMO: São apresentadas as primeiras conclusões sobre a cronologia da ocupação do povoado da Iª Idade do Ferro de Fernão Vaz (Ourique, Beja), que datações radiocarbónicas e a análise de algum material colocam entre o primeiro quartel do Séc. VII a. C. e o segundo quartel do séc. V a. C.

SUMMARY: The first conclusions on the chronology of the 1st Iron Age settlement at Fernão Vaz (Ourique, Beja) are here presented. Radiocarbon dates and the analysis of some material date the occupation between the first quarter of the 7th c. B. C. and the second quarter of the 5th c. B. C.

(Página deixada propositadamente em branco)

## A CRONOLOGIA DO POVOADO DE FERNÃO VAZ (OURIQUE, BEJA)

Identificado em 1970 <sup>(1)</sup>, e objecto de escavações sistemáticas desde então — sob a direcção de Caetano de Mello Beirão, contando com a colaboração de Virgílio Hipólito Correia desde 1986 — o povoado de Fernão Vaz é actualmente o único exemplo de povoado da P Idade do Ferro do Sul de Portugal conhecido através de um programa sistemático de escavação <sup>(2)</sup>.

Estão já suficientemente descritas as suas características estruturais e estratigráficas, mas gostaríamos de lembrar que as estruturas da Idade do Ferro compõem, aparentemente, um único edifício, em que se detecta apenas uma fase de construção e um único período de ocupação, a que um incêndio põe fim. É do material de construção das coberturas (madeiras, ramagens), carbonizado por este incêndio, que foram recolhidas amostras sujeitas a datação radiocarbónica.

A construção/ocupação sidérica de Fernão Vaz assenta directamente no xisto da base, que aproveita como pavimentos, regularizando-o. Eventuais vestígios de ocupações anteriores teriam sido por certo destruídos, mas na realidade nenhum indício nos leva a pôr a hipótese de

<sup>(1)</sup> BEIRÃO, Caetano de Mello [1972], Cinco aspectos da Idade do Bronze e da sua transição para a Idade do Ferro no Sul do país, in *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Voi. I, Lisboa, 1972; 193-221. p. 202-204.

<sup>(2)</sup> BEIRÃO, Caetano de Mello [1986], *Une civilisation protohistorique du Sud du Portugal*, Paris, De Boccard ed., 1986. p. 103-122.

BEIRÃO, Caetano de Mello & CORREIA, Virgílio Hipólito [n.p.], Novos dados arqueológicos sobre a área de Fernão Vaz, in *Homenaje a J. M- Blazquez*, Madrid, Universidad Complutense (no prelo).

tais ocupações terem existido <sup>(3)</sup>. A ocupação árabe-medieval provocou apenas algumas intrusões na estratigrafia anterior, sempre facilmente detectáveis.

Pretendemos nesta curta nota estudar a cronologia da ocupação da Idade do Ferro, baseando-nos num conjunto de três datações radio-carbónicas e na análise de algum material estratigrafado.

Todas as datações foram realizadas pelo ICEN (Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial) e foram calibradas fazendo uso da curva de PEARSON & STUIVER [1986]<sup>(4)</sup>. O Prof. J. M. Peixoto Cabral, a quem agradecemos a colaboração, foi incansável no auxílio que nos prestou no tratamento estatístico das datações, que levou a cabo recorrendo ao programa de computador referido em PAZDUR & MICHZYNSKA [1989]<sup>(5)</sup>, e que nos comunicou em carta de 9/7/91.

São as seguintes as datações disponíveis :

— 1 — ICEN 601 (Fernão Vaz 8) — 2530 + 45 BP (580 + 45 a.C.) que calibrada dá a intersecção em 777 cal. AC. e os seguintes intervalos: para 1 sigma 796-760, 682-658, 635-594 e 581-557 e para 2 sigma 806-520.

— 2 — ICEN 696 (Fernão Vaz 6) — 2770 + 50 BP (820 + 50 a.C.) que calibrada dá a intersecção em 915 cal. AC. e os seguintes intervalos: para 1 sigma 993-892 e 885-847 e para 2 sigma 1040-820.

— 3 — ICEN 697 (Fernão Vaz 10) — 2640 + 80 BP (690 + 80 a.C.) que calibrada dá a intersecção em 809 cal. AC. e os seguintes intervalos: para 1 sigma 893-881 e 848-793 e para 2 sigma 977-963, 930-760, 684-656, 640-590 e 589-549.

A plausibilidade destas datações não é absolutamente pacífica, parecendo a uma primeira vista que são demasiado antigas para o que alguns arqueólogos que se têm debruçado sobre o período e área em

<sup>(3)</sup> Indicações noutro sentido devem atribuir-se a uma total ignorância e incompreensão da estação : GAMITO, T. Júdice; Os espetos de bronze do Sudoeste Peninsular — sua interpretação sociológica, in *Conimbriga* XXV, Coimbra, 1986, 23-40, *passim*, em especial nota 2 — p. 39.

<sup>(4)</sup> PEARSON, G. W. & STUIVER, M.; [1986], High-precision calibration of the radiocarbon time-scale. 500-2500 BC, in *Radiocarbon*, Voi. 28, nº 2B, 1986, 839-862.

<sup>(5)</sup> PAZDUR, Mieczyslaw F. & MICHZYNSKA, Danuta J. [1989], Improvement of the procedure for probabilistic calibration of radiocarbon dates, in *Radiocarbon*, Voi. 31, nº 3, 1989, 824-832.

questão vêm afirmando relativamente a estações comparáveis (6). Temos no entanto que frizar que as datações são consistentes com o que temos sustentado(7), impondo-se analisarmos pormenorizadamente a massa de dados ao nosso dispor.

Dos problemas que estas datações nos colocam o primeiro é o da sua relativa incompatibilidade (nomeadamente entre ICEN 601 e ICEN 696), sem que no entanto sejam, quando calibradas, estatisticamente discrimináveis.

O espectro desenhado pelas datações, cujo contexto é: *material de construção de uma cobertura vegetal, carbonizado*; corresponderá ao espectro da duração do uso do edifício, sendo talvez mais estendido no sentido da antiguidade (pois nas traves que sustentariam a cobertura seriam certamente utilizadas árvores adultas) e menos no seu extremo mais recente (correspondendo, teoricamente, o limite do espectro à matéria vegetal utilizada na última reparação da cobertura, antes do incêndio, muito provavelmente ramagens).

As três datas são portanto válidas como datação da madeira utilizada na construção da cobertura de uma parte do edifício.

A análise do diagrama de dispersão das datas calibradas permite datar essa construção entre 670 e 900 cal. AC, com um grau de confiança de 50% que, ainda que limitado, é aceitável. Na verdade, de acordo com critérios arqueológicos (data estimável da madeira utilizada, proporção de material “velho” e “novo” na cobertura — e nas amostras) cremos que a datação útil para este contexto específico será aquela indicada pela distribuição das datações entre a mediana e o terceiro quartil, ou seja entre 820 e 670 cal. AC. Datar a construção, mais seguramente (95% de confiança), entre 1010 e 530 cal. AC é, quanto a nós, um rigor exagerado que diminui escusadamente o valor historiográfico das datações.

O primeiro quartel do See. VII a. C. constitui portanto um *terminus ante quem* absoluto para a construção do *habitat* de Fernão Vaz.

O contraste destas datas com os materiais presentes nos contextos da última utilização do edifício, que constituem um *terminus post quem* para o incêndio levanta outras questões.

(6) MALA, Maria Garcia Pereira [1986], “Neves II e o “facies” cultural de Neves-Corvo” in *Arquivo de Beja*, S. II 3, Beja, 1986, 23-42. p. 24 e p. 26.

(7) BEIRÃO, Caetano de Mello & GOMES, Mário Varela [1985], “Grafitos da Idade do Ferro do Centro e Sul de Portugal”, in *Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispanicas*, Salamanca, 1985, 465-502.

BEIRÃO & CORREIA [n.p.].

Entre estes materiais conta-se um fragmento que classificámos como pertencendo a uma taça próxima das produções áticas do tipo “copa Cástulo”<sup>(8)</sup> em princípio — e segundo a cronologia da Ágora de Atenas<sup>(9)</sup>—datável a partir de 480 a.C.. cremos, no entanto, dever deixar em aberto a datação desta cerâmica, em primeiro lugar até obtermos uma análise mais detalhada e precisa da tipologia da peça e, segundo, até ser possível obter um contraste mais fino com as condições de jazida de outras peças semelhantes. As nossas dúvidas vão no sentido de questionar se não será de admitir uma data mais recuada, pois não é impossível que exista uma produção de peças deste género, não ática<sup>(10)</sup>, mais antiga<sup>(n)</sup>, a que este *kylix* pertenceria. Isto seria compatível com a restante cerâmica recolhida no mesmo contexto que, decididamente, parece anterior ao séc. V<sup>(12)</sup>.

Também aqui é correcto afirmar a coerência das datações pois atribuímos arqueologicamente o seu incêndio a um momento posterior ao primeiro quartel do séc. V, que é o limite máximo (477 cal. AC), com uma quase absoluta confiança (98%) que atinge a distribuição das datações radiocarbónicas, o mesmo é dizer o material mais recente utilizado nas reparações da construção.

O momento do incêndio deve ser assim datado no segundo quartel do Séc. V a.C.

(8) SHEFTON, Brian [1982], Discussão, in NIEMEYER, Hans Georg; (dir.), *Phönizier im Westen*, Mainz am Rhein, Verlag Philipp von Zabern, 1982 [Madriider Beiträge VIII], 403-405, Abb. 24.

(9) SPARKES, Brian, & TALCOTT, Lucy [1971], *Black and plain pottery of the 6th, 5th and 4th centuries b. C.*, Princeton-New Jersey; American School of Classical Studies at Athens, 1971. [The Athenian Agora, Vol. XII]. p. 100-110.

(10) TRIAS DE ARRIBAS, Gloria [1968] *Cerâmicas Griegas de la Península Ibérica* (2 Voi.), Valência, The William L. Bryant Foundation, 1967 e 1968. Vol. 1 311, nº 74 e 75, Voi. 2 Lam. CLIV, 2 e 3.

(n) BONINU, A.; PAGLIARDI, M. N. & ROMUALDI, A. [1974], (Stombi) Descrizioni dei Materiali, in *Atti della Accademia Nazionale dei Lincei —Notizie degli scavi di Antichità*, S. Vili — Vol. XXVIII (Suplemento), Roma 1974. [Sibari, IV]. 45 ss.. nº 83; e bibliografia aí citada.

(12) BEIRÃO & CORREIA [n.p.].

BEIRÃO, Caetano de Mello; TAVARES DA SILVA, Carlos; GOMES, Mário Varela & GOMES, Rosa Varela [1985], Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão. Notícia da primeira campanha de escavações in *O Arqueólogo Português*, S. IV 3, Lisboa 1985, 45-135.

Duzentos ou duzentos e cinquenta anos são aceitáveis como tempo útil de vida de construções de taipa cobertas por matérias vegetais, onde não são evidentes vestígios de reconstruções profundas (de arranjos menores não seriam recuperáveis as provas).

É importante, quanto a nós, que as datações aqui apresentadas correspondam tão notavelmente ao espectro cronológico que tem sido atribuído à P Idade do Ferro <sup>(13)</sup>. A cultura material do *habitat* de Fernão Vaz integra-se plenamente no mesmo grupo que tem sido detectado associado às necrópoles com lápides epigrafadas <sup>(14)</sup> e, nesse sentido, estas datações são um dado a reter.

Esperemos que o desenvolvimento da investigação venha a trazer mais dados, que nos permitam melhorar a análise destas questões.

*Évora e Conimbriga, Julho de 1991*

<sup>(13)</sup> BEIRÃO, Caetano de Mello; GOMES, M. Varela & MONTEIRO, J. Pinho [1979], *As esteias epigrafadas da Idade do Ferro do Sul de Portugal* (Catálogo de exposição), Setúbal, 1979.

BEIRÃO, Caetano de Mello & GOMES, M. Varela [1980], *Alldade do Ferro no Sul de Portugal — Epigrafia e Cultura* (Catálogo de exposição), Lisboa, 1980.

<sup>(14)</sup> BEIRÃO, [1986]

BEIRÃO, Caetano de Mello [1990], Epigrafia da P Idade do Ferro do Sudoeste Peninsular. Novos dados arqueológicos, in *Presenças Orientalizantes em Portugal. Da Pré-história ao período romano*, Lisboa, Instituto Oriental da Universidade Nova, 1990. [Estudos Orientais I]. 107-118.

DIAS, M. Manuela Alves, BEIRÃO, Caetano de Mello & COELHO, LUÍS [1970], Duas necrópoles da Idade do Ferro do Baixo-Alentejo: Ourique, in *O Arqueólogo Português*, S. III, 4, 1970, 175-219.



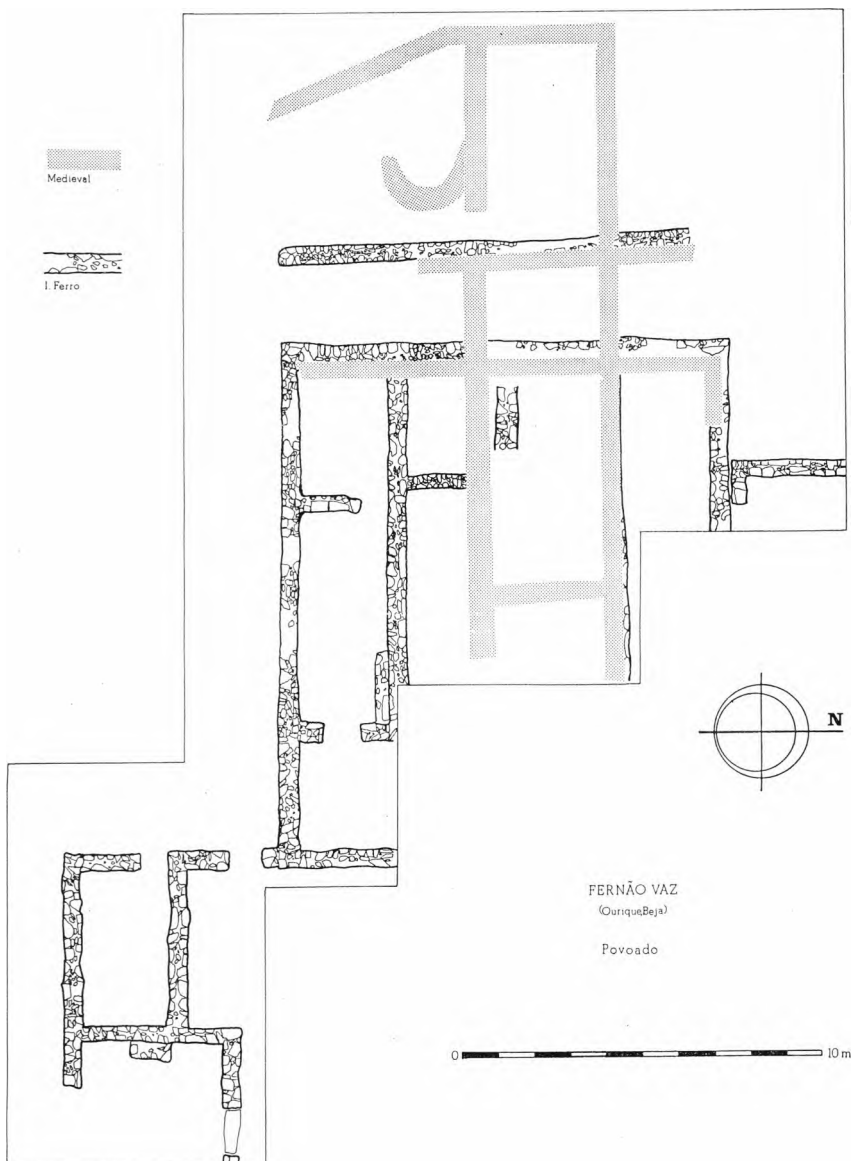


FIG. 1

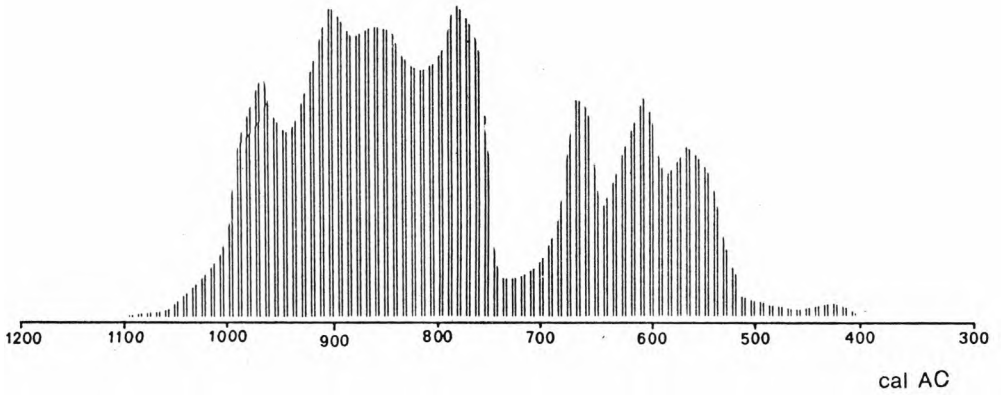


FIG. 2

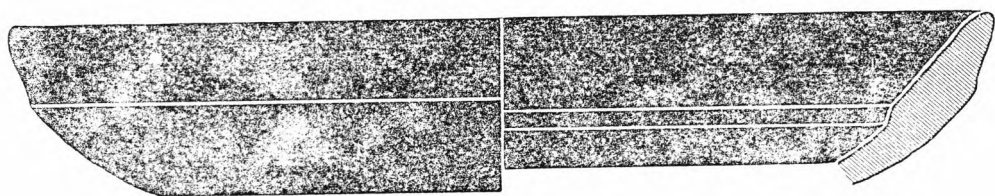


FIG. 3